

Curso de missiologia / ESPIRITUALIDADE
MISSIONÁRIA
A - I N T R O D U Ç Ã O

**PESSOAS E GESTOS
HISTÓRICOS**
**no caminho da espiritualidade
missionária**



- Os mártires cristãos de todos os tempos, incluindo os muitos e disparados dos nossos dias –Oscar Romero, Doroty Stang, Josimo Tavares, Adelaide Molinari, Ezequiel Ramim e muitos outros- são luzes inconfundíveis de testemunho cristão, ou luzes missionárias de primeira ordem. Na Igreja primitiva não havia alguma organização missionaria. Contudo, nenhuma outra época foi tão produtiva em fato de conversões ao Evangelho.
- As comunidades monásticas tentavam viver o Evangelho ao pé da letra. Com sua hospitalidade e irradiação mística, atraíam e convertiam a Cristo seja quem recorria a elas por inquietação interior seja quem aí se refugiava para se salvar de invasões, guerras, doenças, pobreza e abandono.
- O monge beneditino Gregório estava querendo comprar alimentos para a sua comunidade em Roma, quando percebeu que no mercado estavam sendo

vendidos como escravos jovens e adolescentes de cabelos louros e olhos azuis. Perguntou quem eram aqueles infelizes e ouviu dizer: “São anglos”. Ao que respondeu Gregório: “Não anglos mas anjos” e comprou todos eles para libertá-los. Feito papa com o nome de Gregório Magno, mandou 40 monges para começarem a pregação do Evangelho na Inglaterra e impedirem o mercado de escravos.

- Francisco de Assis um belo dia se decidiu a viajar como missionário tendo em vista o Egito e a Palestina, na mesma época em que o mundo cristão vivia continuamente em choque com o mundo islâmico. Conseguiu comparecer frente ao sultão do Egito num acampamento militar e assim falou: “Vim vos visitar porque sinto que vocês são meus irmãos”.
- Na mesma época da fundação franciscana (sec. XIII), em Barcelona foi erigida a Ordem dos Mercedários que chegaria também a Belém, quatro séculos depois. Porque se chamaram mercedários? Porque a vocação deles era de tornar-se mercê, ou seja pagamento para libertar escravos. Os mercedários se ofereciam aos patrões islâmicos da África do Norte para ficarem escravos em lugar de cristãos que voltavam à liberdade.
- A Companhia de Jesus, quando ainda não tinha nome nem constituições, se achava em Veneza e contava com uma meia dúzia de membros: Inácio de Loyola, Francisco Xavier, Pedro Faber, um certo Bobadilha e poucos outros e, olhando para frente, viam duas possibilidades de saída: ir logo para Roma e conseguir do papa a aprovação da ordem, ou ir fazer uma experiência entre os turcos. Que experiência? São palavras deles: queriam “se meter a serviço dos turcos”, na hora em que os turcos eram vistos como

os maiores inimigos da Europa e da civilização cristã e faltavam poucas décadas para a batalha de Lépanto (1571).

- Bartolomeu de Las Casas, frade dominicano, chegou à América Latina antes de governadores e conquistadores com a finalidade não de converter ou batizar, mas de salvar os povos indígenas da cobiça dos invasores brancos e cristãos. Ele pensava que não se podia dominar e batizar ao mesmo tempo.
- No Pará chegaram os jesuítas no século XVII e criaram reservas de povos indígenas em Vigia, Vila do Conde, Beja, Moju, Cametá, Santarém, Óbidos, Alemquer e em muitos outros lugares da nossa região. Também eles pretendiam, com o estratagema das reduções, impedir que os indígenas acabassem escravizados na mão dos colonos. Nas reduções se vivia em comunhão de bens como no cristianismo primitivo e os jesuítas, teólogos que fossem ou letrados, ensinavam a arar os campos, a semear feijão e ordenhar as vacas.
- O Marques de Pombal, que mandou fechar a experiência missionária dos jesuítas e expulsou a ordem do Brasil, sob a acusação de terem explorado a mão de obra indígena e de aproveitar, em escondido, uma mina de ouro (cfr. Igreja de S. Alexandre, em Belém) ficou com a sua parte de mérito na história do cristianismo e do nosso país: ordenou e encorajou os casamentos entre colonos, indígenas e africanos (na segunda metade do século XVIII) criando no Brasil as premissas da fraternidade universal.
- Padre Damião de Veuster, um missionário belga que, no século XIX, escolheu de viver com os leprosos e a serviço deles na ilha de Molokai (no atual estado americano de Hawai, em pleno Oceano Pacífico), contraindo e morrendo daquela terrível doença.

- O francês padre Charles de Foucauld que, retirando-se no Sahara do Marrocos, se estabeleceu entre os islâmicos mas para viver aí uma vida de oração e de adoração da Eucaristia, morrendo assassinado por desconhecidos fanáticos (no começo do século XX). A mesma sorte que, 100 anos depois, teria tocado aos trapistas franceses da Argélia.
- Um último caso o encontramos de novo no Pará, com o capuchinho frei Daniel de Samarate. Destinado de S.Luiz do Maranhão à Colônia de Prata (entre S.Maria e Igarapé Açu) no Pará, aí contraiu a lepra mas quando chegou a Belém, para conseguir curas, encontrou as portas fechadas e uma nova destinação entre os leprosos do Tucunduba, nas proximidades da futura Universidade Federal do Pará. Os doentes, porém, não souberam interpretar de maneira correta a sua presença entre eles e aí, abandonado por todo mundo, morreu de lepra poucos tempos depois.